

Pode-se ser feliz em qualquer idade, com a condição única de cada qual se conformar com a idade que tem

ANO V — N.º 120
JUNHO
2
1957

A Voz do Algarve



Biblioteca Nacional



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
Telefone 154

DIRECTOR

JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO

JOSE MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Telefone 216

LOULÉ

PORTUGAL-BRASIL

LEVANDO consigo o coração dos portugueses, vai o Chefe do Estado dentro de poucos dias agradecer a visita que o Brasil, na pessoa do Dr. Café Filho, fez ao velho lar da lusitanidade.

Embora as vicissitudes da política hajam colocado à frente da Nação irmã outro homem, a amizade e a compreensão mútua dos dois povos em nada altera os sentimentos que nos unem nem o significado da viagem.

Quando unidos ainda sob a coroa do Rei de Portugal, Portugal e Brasil não mantinham relações de senhor e servo e antes formavam, então, como reconheceu o brasileiro ilustre Donatello Grieco, uma grande família.

Como na ordem natural da família, o seu membro mais novo atingiu a maioridade e formou lar e, através dos tempos, a uni-



(Continuação na 4.ª página)

O ENSINO COMERCIAL E INDUSTRIAL

II em LOULÉ

Diziamos nós que em Loulé existiam há pouco tempo 60 oficinas de sapataria, onde trabalham manualmente cerca de 800 operários, enquanto em São João da Madeira, por exemplo, existiam 30 fábricas mecânicas que fornecem grande parte do País, não só de calçado grosso, como de calçado de luxo.

S. João da Madeira fica a 30 Kilms. do Porto, é servida por uma linha de caminho de ferro de bitola diferente da da rede geral dos caminhos de ferro portugueses, e nem por isso tal facto lhe impede que tenha na sua área as seguintes indústrias: chapéus, capachos de arame, bombas para água, boinas e bonés, lona, borracha, cadeiras portáteis, botões, torradeiras, velas de cera e estearina, vassouras, candeeiros artísticos, sedas, cigarreiras, cintos, cofres, passamanarias, peles de agasalho, fundições, máquinas de costura, mobiliário, guarda-sóis, lápis, malhas, malas, etc., etc.

Quando se fala em indústrias novas no Algarve, logo se aponta a falta de energia eléctrica barata. Mas este «papão» nem por isso impedi que a agricultura motorizasse os seus poços, substituindo as típicas noras de alcatruzes pela bomba centrífuga, accionada a petróleo ou gás, deste modo permitindo o desenvolvimento dos regadios dum maneira extraordinária, como se pode ver, por exemplo, nas férteis várzeas de Quarteira, em cuja freguesia se contam mais de 200 motores, alguns deles móveis, que o lavrador rendeiro transporta no seu carro, de uma para outra courela, fazendo em 2 horas o serviço de rega, que antigamente exigia um dia!

De certo que quem põe dificuldades ao custo da energia eléctrica, para desenvolvimento das indústrias no Algarve, não calculou bem o preço de custo do quilovatio-hora, do motor a gás, mesmo com a amortização do motor...

A respeito de novas indústrias no Algarve, José Barão, o jornalista dinâmico de «O Século», a quem a nossa província deve ser-

(Continuação na 3.ª página)

Apontamentos citadinos

UMA INAUGURAÇÃO...

INAUGUROU-SE há dias a ponte que passará a ligar a Praia de Faro à cidade, permitindo assim a acesso àquela excelente estância balnear de automóveis e outros veículos.

Melhoramento que de há muito se impõe como condição básica para um melhor desenvolvimento da re-

ferida praia, tem no entanto a emparar-lhe o brilho e a utilidade, a sua concepção deficiente e antiquada, da qual resulta como consequência principal o corte e afastamento da praia, e toda uma série de problemas resultantes deste corte, de entre os quais se destaca como mais importante a impossibilidade dos

gasolinas da carreira se deslocarem até à chamada «ilha de cima», o que redundará em evidente prejuízo do público.

Pelas razões aqui apontadas e por algumas outras que alargariam demasiado este breve apontamento, o estourar festivo dos foguetes, teve desta vez, algo de lastimável...

CIVISMO

CARDE estival. Maquina fotográfica a tiracolo, camisa arremangada, ele. Ela vestido leve e pontudo, descontraiado, malfeito, o casal (francês creio) vinha subindo a rua de Santo António. Na Pontinha, ao cruzar o sinaléiro, que hirto, indiferente à cant-

cula, dirigia o trânsito o par dirigiu-lhe uma saudação amigável, reveladora de um civismo que normalmente, e infelizmente, anda arrepiado dos homens.

Em resposta, o polícia perfurou e saudou respeitosamente os estrangeiros.

Gesto bonito dum

profissional cônscio das responsabilidades que a lhe confere.

Pequeno gesto que deveria serapanágio de toda uma corporação, para orgulho da cidade, da província, do país...

Faro, Maio, 57

V. S.

Escola Técnica Profissional

Nos últimos números de «A Voz de Loulé» despedimo-nos até breve, portanto cá estamos de novo no nosso posto de combate com os nossos tiros de prelo a agitar a causa de Loulé, para a qual nos alistamos voluntariamente, como simples soldados, sem trazer na bagagem outra coisa ou outro fim que não seja o cumprimento da promessa feita por Sua Exceléncia o Senhor Ministro da Educação Nacional — a abertura da Escola Técnica Profissional neste já importante centro industrial e artístico.

Algumas vezes temos ficado, embora muito a correr, o importante assunto que serve de epígrafe, lançando sugestões que mais não são que brados de justiça nascidos do coração de louletano. Sempre que o coração nos impõe para a luta obedecemos, porque nunca por ele fomos mal inspirados, por isso diremos haver um melhoramento que se impõe, que é inadiável, e que não se pode deixar para amanhã o seu cumprimento, porque as coisas demoradas são quase sempre esquecidas. Referimo-nos, como sempre, à abertura da Escola Técnica Profissional, com que muito lucraria o mais extenso e mais populoso concelho do Algarve.

Somos o que somos; e quando lançamos mão da pena, é com um descargo de consciência que o fazemos, e para cumprir um dever de louletano.

Estamos de bem com a nossa

consciência, e nunca tivemos tanta vontade de agir como nesta ocasião em que sentimos correr nas veias o sangue generoso de louletanos, renovando-se para a luta o espírito para a luta, e vencer o anseio deste nobre povo.

Como um povo só progride se estiver unido pelo mesmo pensamento, unamo-nos, para se conseguir a realização da sua aspiração que está no pensamento de todos os louletanos que, a nosso ver, não se devem limitar apenas à idéia de momento, e agir-se com vontade firme como assim fizeram os naturais de Almada, Gouveia, Torres Novas, Santo Tirso e quantos mais por esse país além.

E indubitável que Loulé tem progredido bastante em melhoramentos e em todos os sectores de actividade, mas não tanto quantos os seus filhos desejam, porque há um melhoramento que se impõe, e que não pode ter grandes delongas — a abertura da Escola Técnica Profissional, há anos criada por um Decreto-Lei.

Sabe-se que Loulé possui apreciados artistas, mas que precisam ainda desenvolverem as qualidades natas artísticas, as suas intuições de Arte, para se tornarem mais aptos para as suas múltiplas aptidões de ofícios, para a vida — vida física, vida mental, vida moral, vida social, e que toda a educação operária e artística que não

(Continuação na 4.ª página)

Foi inaugurada uma Cantina Escolar em ALBUFEIRA

Integrado nas comemorações do dia 28 de Maio, foi no passado dia 26, inaugurada nesta vila em edifício próprio uma Cantina Escolar.

Pelas 12 horas, com a presença das autoridades locais e muita gente, o sr. Henrique Gomes Vieira, Presidente da Câmara e representando o sr. Governador Civil, cortou a fita simbólica, enquanto que a Banda da Mocidade Portuguesa executava o Hino e no ar estrelavam foguetes. Pela escadaria de acesso e por entre alas de júniores de ambos os sexos, que atiravam flores num gesto simpático dirigiram-se à entrada do edifício, onde o Rev. Padre Semedo Azevedo, Pároco da freguesia, lançou a bênção, finda a qual todos poderam admirar as instalações, que foram demoradamente visitadas.

Numa das escolas realizou-se depois a sessão solene a que presidiu o sr. Presidente da Câmara, tendo à sua direita o Rev. Padre Semedo Azevedo, D. Henrique Gomes Vieira, Presidente da Câmara e membro da Direcção da Cantina, sr. Alvaro M. Veloso, Subdelegado da M. P. e o Subdele-

A. Leote

INSTRUIR E EDUCAR

Tratámos, no último artigo epigráfico com o título acima, do ensino primário considerado em profundidade. Vamos hoje apreciar-lo em extensão e tirar daí as conclusões que nos parecem mais razoáveis.

Como se sabe, a obrigatoriedade do ensino começa aos sete anos e termina com o exame da quarta classe, o qual, por via de regra, realiza-se aos onze, ou aos dez anos se o aluno requereu a sua entrada na escola aos seis anos.

Como um povo só progride se estiver unido pelo mesmo pensamento, unamo-nos, para se conseguir a realização da sua aspiração que está no pensamento de todos os louletanos que, a nosso ver, não se devem limitar apenas à idéia de momento, e agir-se com vontade firme como assim fizeram os naturais de Almada, Gouveia, Torres Novas, Santo Tirso e quantos mais por esse país além.

E indubitável que Loulé tem progredido bastante em melhoramentos e em todos os sectores de actividade, mas não tanto quantos os seus filhos desejam, porque há um melhoramento que se impõe, e que não pode ter grandes delongas — a abertura da Escola Técnica Profissional, há anos criada por um Decreto-Lei.

Sabe-se que Loulé possui apreciados artistas, mas que precisam ainda desenvolverem as qualidades natas artísticas, as suas intuições de Arte, para se tornarem mais aptos para as suas múltiplas aptidões de ofícios, para a vida — vida física, vida mental, vida moral, vida social, e que toda a educação operária e artística que não

cabeça, o qual, por um processo de osmose, foi passando para os miolos, e, às duas por três, o menino intelectualizou-se e passou a julgar-se pessoa importante. Nessa altura deixa de falar aos vizinhos do pé da porta, e se o pai ou a mãe lhe lembram o regresso à enxada ou ao cabo duma ferramenta de trabalho, o menos que sucede é haver um desmaio que por fim atinge toda a família da casa.

O rapaz é já um super-homem e não há que contar com ele para outra coisa que não seja a funcionário público. Custe o que custar, tem de ser funcionário público.

Deste modo o ensino primário transforma-se numa espécie de rio cujas águas convergem em catadupa à porta do ensino local ou à porta dos ramos industrial e comercial, sem outro sentido que não seja o de afastar a criança duma vadiagem forçada, enquanto a maturidade para o trabalho não chega, excluídos, bem entendido, todos aqueles que o factor social de antemão designou para cursos superiores.

Diga-se, porém, em abono da verdade, que deste sistema nem tudo é perdido. No meio da grande

(Continuação na 4.ª página)

ANO I
N.º 14
2 JUNHO
1957



Manuel Laranjeira ou os alarmantes sintomas duma época

«Creio que isto é uma raça perdida. Começo a crer biologicamente a nossa decadência degenerativa é manifesta. Não se trata apenas duma desagregação de alma colectiva, trata-se duma dissolução mais funda, mais íntima, passada na alma de cada um. Dá vontade de morrer — de vergonha.»

Manuel Laranjeira

O Diário Intimo de Manuel Laranjeira veio parar-me às mãos como é de calcular. Passem despercebidos os MARCOS AURELIOS e quejados, mas estes diários? Isso sim! Temos um gostinho especial pelo acipe no género. Nunca se perde uma dentada que seja. E assim, em toda a parte se cita o Manuel Laranjeira, se fazem elogios funebres e anémicos ao tédio simbolista e demasiado significativo de Manuel Laranjeira e até há quem ache belos os palavrões de Manuel Laranjeira.

... Tédio! Tédio! Oh! bendito tédio! Tédio dos amigos! Tédio das carnavalescas repugnantes que é cada hora, cada minuto, cada segundo de existir!... Splem!... Ai que lírico!

Não foi este Diário Intimo que me deixou alarmada, não. Aparte a explêndida ironia de seu conteúdo, — nessas alturas em que o deus se debate com o demónio que há dentro de cada um de nós — o resto também está certo com o doente que o escreve. Agora o que me deixou foi vontade de pegar numa bomba de desinfetante para pulverizar com ela estas moças e moços que por aí andam citando o senhor como se ele fosse um exemplo digno de ser decorado e seguido.

Chamem-me estúpida insensível; cortem-me as postas; digam até mesmo que não percebi o conteúdo, a «mensagem» do livro; digam que devo ser (e sou, acreditem) uma ignorante sem consciência da inquietação terrível que varre a nossa geração e a nossa época. Jigam o que quiserem que para mim tanto se me dá. Mas eu também direi, tenham paciência, quer vos derrube o ídolo, quer não. E publicamente que é para dar mais efeito.

A vida é náda? Concordo. Mas se não fosse ela, era o quê?

É estúpida e nós somos uns imbecis que nos comemos, uns aos outros como lobos após invernada longa? Concordo também. E o que fazemos nós para que ela seja diferente?

Que meia dúzia (ou milhões, tanto faz!) achasse lógico aquele cansaço, aquele tédio, a miséria duma existência que se afunda aos poucos na ânsia de ignorar que para lá das janelas, a vida sempre espera pelos que a desejaram... Ainda vá lá. Sempre existiu gente que acha que são as lágrimas e os dias «gris» que fazem mais depressa o sol... Agora que uma geração de gente que se diz esperançosa, de gente doutrinadora de grandes e elevados ideais de utilidade; desta gente que enche resmas de papel gritando, pedindo, mostrando de mil maneiras e feitiços que a vida sim, é bela e vale a pena; de gente que inclusivamente chega, quando é preciso, a considerar o sentimento um embargo ao triunfo da grande batalha; como é que esta geração de mangas arregadas, suada, sangrando esforços e teorias... pode aplaudir com este entusiasmo um homenzinho que gasta 150 folhas a dizer-nos que e como dorme com uma mulher? Pondo de lado a ironia que é da boa, repito, e a consciente lucidez da sua miséria animal, Manuel Laranjeira fica reduzido a um tuberculoso sensualão ou a um sensualão conduzido à tuberculose, inevitavelmente, à força de chafurdar em ar violado e passar noites em claro ao lado da sua Augusta que ainda por cima, dizia umas frases que a Laura de Tide está farta de repetir. Que a gente lessemos o livro para concluir, de acordo com o que pregamos, que ainda não há como uma boa baforada de sal, está bem. Que todos sabemos que contra estes males de tédio doentio ainda não há como umas boas horas de trabalho útil. E o próprio Manuel Laranjeira que diz: «Insistir no meu trabalho. Sinto-me melhor, mais desafogado. Ainda me lembro de ir a casa de Augusta mas tenho medo de perder esta minha boa serenidade interior...»

Aflige-me no meio disto tudo é que não entusiasmo com que falam do livro parecem fitar: Vejam! Aqui está! É isto que eu sinto; Tédio! Cansaço! Tédio! Saturação!... o Manuel Laranjeira apenas se adiantou na coragem de dizer o que pensamos, o que achamos bem. O que é verdade.

E perguntou, aterrada acreditam:

Afinal seremos nós ou será ele quem está certo? Sim porque nisto tudo algo não está bem.

Ou serão afinal os ideais... apenas palavras?

Ou será esta a luta diária como pretexto de uma existência só espírito para uma vez, um motivo para horas de ócio, tão natural e «chic» como a canasta e as tardes no casino?

Ou seremos nós todos, gloriosos herdeiros de uma ancestralidade biológica doentia?

Ou se a vida é na verdade tão má como a desejamos, para que insistimos em semear ilusões e esperanças na alma dos que tudo engolem, de olhos abertos para o nosso gesto, porque herdaram a fome dura de um caminho que fosse certo?

Ou é repetindo a frase «Homens, desprezai-vos uns aos outros!» — como se repetissemos a grande sinfonía; repetindo-a como se fosse uma coisa tão maravilhosa como o Amor (sem aspas, nem comentários) que chegaremos ao cume da tão suplicada (e suplicada) FRAZERINHADA?

NAO! DEFINITIVAMENTE:

Ou NOS.

Ou os Manueis Laranjeiras!

Maria Rosa Colaço

Movimento Prisma

Dificilmente talvez, mas o Movimento Prisma vai criando raízes. Afinal o sermos poucos não é, de modo nenhum, o nosso problema capital.

E depois há a certeza absoluta de que tudo o que fizermos — se o fizermos — pela Cultura, será felizmente reconhecido. A luz da nossa consciência pelo menos, e não sei quem disse, mas sei que disse bem, que ao fim e ao cabo o que está certo é andarmos de acordo com a nossa consciência.

Sem dúvida há bastante que fazer. E aqui, Prisma não é mais, nem mais quer ser, do que um elo ligado aos outros elos que formam a perene cadeia dos movimentos culturais portugueses.

Mas PRISMA é apenas uma página, e uma página de um jornal de província! dirão muitos. E isso que interessa, se Prisma tem um plano a realizar? E isso que interessa se Prisma conseguir ao menos, AO MENOS, interessar uma minoria de indivíduos pelo problema CULTURA?

O nosso plano, mais ou menos resumível na divisa CONVIVIO e CONTROVERSA, é sem dúvida pretencioso: porém, com a colaboração dos nossos amigos actuais e de todos que desejarem engrossar o nosso grupo, será cada vez mais realidade, porque AMIGOS, ainda há muito para ser dito...

Cadernos de Poesia «Encontro»

Um grupo de jovens poetas resolveram publicar a sua obra literária em conjunto. E assim nasceram, ou irão nascer, os Cadernos de Poesia ENCONTRO.

O primeiro caderno, a sair nos primeiros dias de Junho, incluirá poemas de: Carolina Lima Vaz, José da Fonte-Santa, Eduardo Olímpio, Domingos Carvalho e Casimiro de Brito.

A sua distribuição será feita, em parte, pelo nosso PRISMA, e os interessados poderão dirigir-se ao Organizador desta página literária. O preço dos cadernos de poesia ENCONTRO será quatro escudos, apenas.

Papéis Antigos (1)

Ni droite, ni gauche

Aproveitam-se os representantes de algumas ideologias, da complexidade assumida pelo fenómeno social contemporâneo, classificando-o primeiro de «crise» e, após o diagnóstico, procurando propagar a sua ideologia como a única ou melhor solução para a «crise».

Tem a situação do mundo actual tantas e tão complexas implicações, que só um espírito simplista pode aceitá-la como crise e os remédios que a curem. Isto talvez queira dizer que ao homem moderno, o homem livre, o homem que pensa e procura a verdade, só é dado assumir uma atitude céptica perante as várias formas de agir, resignando-se a observar, a estudar, a duvidar. A traição dos cleros, em boa verdade, talvez seja ainda a única maneira de não traír. Não sabemos (porque desconhecemos o famoso livro de BENDA) a que se referia o autor quando acusa os cleros de traição: se por terem intervindo, se por se terem abstido de intervir. Em nossa opinião, terão traído os que interviewaram ao serviço dum programa de ação, prática, porque a única atitude legítima que nos resta é procurar a verdade e prepará-la para que gerações futuras sobre ela construam um vero agir, com bases científicas e científicamente orientado.

Dramatizar a situação, só para fins de proselitismo de qualquer doutrina. Encará-la positivamente, com serenidade e objectividade, eis o que importa ao homem livre, independente de seitas ou sistemas.

Desistir de ver cada vez mais claro é adiar indefinidamente as soluções positivas (e inquestionáveis, por isso mesmo) para os problemas que afligem, de feito, a humanidade. Embora os doutrinadores de todas as procedências acusem o aprendiz de covardia ou traição por se não afazer a uma mística, ele serenamente se defenderá dos golpes e remoques, para servir a sua «mística» de verdade e de espírito.

E deixará que se façam afirmações peremptórias, como esta, colhida entre milhares:

«São espessas as trevas que nos envolvem a inteligência; são violentas as forças impulsivas das paixões que solicitam a liberdade. Triunfar, de modo habitual e universal, destes obstáculos é tarefa superior às simples forças da natureza. Nas condições actuais da sua existência, o homem é importante para organizar a sua vida individual e colectiva de acordo com as exigências do seu verdadeiro bem e os postulados de uma civilização autênticamente humana.»

Talvez que o cristianismo se apresente como «a necessidade imperiosa de uma condição vital». Mas é isso um critério pragmático de verdade, supondo que a salvação estava nesse «ismo», e dirá.

Futuro por futuro, incerteza por incerteza, preferimos a que vai lenta mas firme.

7/Agosto/55

Afonso Cautela

Antologia

Voz de Comando

Amanhece.

Erguei-vos, corpo e alma, combatei!

Juntos, como num rio

Aguas da planície e da montanha,

Aliados, correi

A batalha do mundo, que se ganha

No mundo.

Mundo cruel e duro, mas que eu amo,

Apaixonado pelos seus encantos.

Visito-lhe os recantos,

Sonho um abraço que o abarque todo.

De vez em quando há lodo

Nos baixios,

Mas olho os montes, limpos, preservados

Na sua altura,

E renasce-me a esperança ao vê-lo debruçados

De rebanhos e neve — a máxima branura.

MIGUEL TORGA

Do livro «Penas do Purgatório»

— prémio Almeida Garrett, 1954

RECORTES

..... A meu ver, a função do crítico deve concentrar-se em três pontos: (1) estudar o artista exclusivamente como artista, e não fazendo entrar no estudo mais do homem que o que seja rigorosamente preciso para explicar o artista; (2) buscar o que poderemos chamar a explicação central do artista (tipo lírico, tipo dramático, tipo lírico elegíaco, tipo dramático poético, etc.); (3) compreendendo a essencial enxipacidade da alma humana, cercar estes estudos e estas buscas de uma leve aura poética de desentendimento. Este terceiro ponto tem talvez qualquer coisa de diplomático, mas até com a verdade, (...) há que haver diplomacia.

Da carta XXIII de FERNANDO PESSOA, dirigida a JOÃO GASPAR SIMÕES. (no livro CARTAS DE FERNANDO PESSOA A JOÃO GASPAR SIMÕES).

Correspondência para Casimiro de Brito
Rua Bocage, 140
FARO

A POESIA DE EDUARDO OLÍMPIO



Sobre a minha mesa de trabalho, o primeiro livro de Eduardo Olímpio (As Esmolas do Mendigo) e mais alguns poemas dispersos. Do mesmo poeta, poesia diferente: enfim, a linha ascensional, lógica quase vertical, quando se é poeta e quando se é jovem.

Na dedicatória particular do seu livro, E. O. escreve-me:

Para o
este retrato do Eduardo
a — quando dos vinte anos
(agora tenho vinte e dois).

Ai estão quatro linhas que não seriam necessárias. A poesia do Eduardo de há dois anos não é superior ou inferior à do Eduardo de agora: apenas diferente. Porque a poesia, quando é realmente poesia, nunca é inferior ou superior a outra poesia...

«Esmolas do Mendigo» é como que uma descoberta do mundo. E. O. é o autêntico pioneiro, o homem que vai à frente e apenas com o seu esforço:

Não existia mar. Mas eu ia no barco.
(que me pode importar o mar que os outros amam?)

Poesia dos vinte anos, sem dúvida, mas poesia viril, limpida, silenciosa. Silenciosa e combativa também:

Quando aquele mendigo olhou a rosa
E a afagou de manso, como a medo,
Quando o polícia chegou e lhe bateu
E o levou à sua frente para a esquadra,
Os raros transeuntes não souberam
Que à frente ia a Justiça, esfarrapada
E atrás ia o ladrão, de farda nova...

Quase sempre à volta do amor, dos vinte anos enfim, mas onde a súplica irremediável já pousou, o desejo de verdade, a sede de vida, as realidades interior e exterior do poeta...

O noite, desce de novo a escadaria do céu azul
E vem dizer-me que é mentira eu ser sózinho!

Poesia com rumo, mensagem talvez imperfeita mas já autêntica, intuitiva, bela:

E embora não poeta, (quem o é?)
Hei-de mostrar-vos que sou
Eu próprio que me evadi
Desta mentira onde estou.

Uma prometedora estreia literária, esta de Eduardo Olímpio.

Porém, e dois anos depois, eis de novo a poesia de Eduardo Olímpio. Eis ABRAÇO, poema instantâneo, belo, sumarento:

Tão fácil. Tão fácil.
Lábios. Cadernos. Fomes. Budapeste.
Tudo tão fácil
se tornasse gesto
o abraço de irmão que me não dese!

Como se diz tanto em tão poucas palavras!

Mas há mais, muito mais, e sempre em poucas palavras: af está o III poema duma trilogia que E. O. intitulou «Três postais negros» e que fará parte do seu próximo livro, ENLOQUEÇO AMANHA!:

eu, homem ou não
com risos e segredos.
e este receio de trazer comigo
uma navalha em cada um dos dedos.

Apresentei a poesia de Eduardo Olímpio, quatro ou cinco versos! ...

CASIMIRO DE BRITO

Publicações recebidas

Continuamos a receber várias publicações, o que agradecemos reconhecidamente.

Chegou-nos agora de Espanha, uma Revista Poética-Literária, MALVARROSA, a que nos referiremos próximamente.

Também agradecemos o envio do caderno ILHA (à M. Rosa), honrando a memória do grande poeta Sebastião da Gama.

LIVROS NOVOS

Anunciamos a próxima publicação dos seguintes livros, no nosso Algarve:

ASAS — O novo livro de poemas do grande Poeta Emiliano da Costa.

LISBOA, OUTONO — de A. Vicente Campinas.

CONTRA-LUZ — versos de António Teixeira Marques.

O CANTO EMERGENTE — poemas de Hernâni de Lencastre.

RASGOS DE LUZ — poemas de Sotero Cabrita.

A «Voz de Loulé» — Loulé
N.º 120 — 2-6-1957

Tribunal Judicial Comarca de Loulé ANUNCIO (1.ª publicação)

Pela 1.ª Secção de Processos da Secretaria Judicial, destas da comarca, e, nos autos de Acção de Divórcio Litigioso, em que são Autora: **Teresa da Graça Ricardo**, que também usa e é con ecida por **Teresa Ricardo**, doméstica, residente no sítio das Encanções, freguesia de Almancil, desta comarca, e, Réu: **Manuel Gonçalves Palma**, pedreiro, ausente em parte incerta da República Venezuela, e, cujo último domicílio conhecido, neste país, foi no referido sítio das Encanções, freguesia de Almancil, desta comarca, corre editos de trinta dias, a contar da segunda e última publicação do presente anúncio, citando o referido réu, para, no prazo de vinte dias, findo o dos editos, contestar, querendo, por meio de impugnação ou exceção o pedido feito pela autora, que consi te no divórcio litigioso entre ela autora e o citando, com fundamento nos n.ºs 4.º e 5.º do art.º 4.º do Decreto de 3 de Novembro de 1910, constante da petição inicial, cujo duplicado se encontra patente na Secretaria Judicial, desta comarca, para lhe ser entregue quando soli citado.

Loulé, 27 de Maio de 1957
Chefe da 1.ª Secção
Joaquim Guerreiro
Verifiquei a exactidão
O Juiz de Direito
a) Marino Barbosa Vicente Júnior

A «Voz de Loulé» — Loulé
N.º 120 — 2-6-1957

Tribunal Judicial Comarca de Loulé ANUNCIO (1.ª publicação)

Pela 2.ª Secção de Processos da Secretaria Judicial da comarca de Loulé, correm editos de trinta dias a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os interessados incertos para, no prazo de dez dias, findo que seja o dos editos, contestarem, querendo, a Acção de Processo Sumário que Luiz Lopes Pontes Maceta, solteiro, médico, residente na Rua das Trinhas, n.º 103, rés do chão, da cidade e comarca de Lisboa move contra Incertos, na qual o autor pretende se decidir não existir qualquer serviço de passagem de pé, de animal de carga ou de carro, no seu prédio rústico situado no Porto de Alto, freguesia de Alto, desta comarca, constituído por terras de sementeira e de arvoredo e que confina do nascente com viuva de José Dias Teixeira, norte com Morgado de Alto, poente com viuva de Luiz de Benafim Pequeno e sul com estrada e viuva de José Romão Coelho, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo n.º 7.846 e descrito na Conservatória do Registo Predial de Loulé sob o n.º 10175, a fls. 122 verso, do Livro B-26.

Loulé, 23 de Maio de 1957.
O Chefe da 2.ª Secção
António Ilídio A. da Veiga
VERIFIQUEI
O Juiz de Direito
a) Marino Barbosa Vicente Júnior

PICK - UP VENDE - SE

Fábrico alemão, estado impecável, com aplicação para discos micro gravados.

Quem pretender dirija-se à Micro-Rádio — Rua de Portugal — Loulé.

O ENSINO COMERCIAL E INDUSTRIAL

(Continuação da 1.ª página)

vigos importantes, mercê das campanhas jornalísticas bem orientadas, dizia um dia, no «Notícias do Algarve»: «os nossos compatriotas que são, aliás, inteligentes e mexidos, não sabem criar, porque lhes falta o espírito inventivo, talvez porque lhes sobre o espírito sonhador...»

Nós acrescentaremos que também lhes falta o espírito organizador e de equipe.

Também José Dias Sancho, esse lúcido espírito de algarvio, tão prematuramente falecido, deixou escrito que «os nossos compatriotas eram maiores fora da terra onde tinham nascido»...

Será devido à humidade das zonas do Montijo-Barreiro-Alhos Vedros, que faz com que uma arroba de cortiça, arrancada á árvore, pese mais á saída das fábricas do distrito de Setúbal, do que saindo das fábricas do distrito de Faro, que se explica o êxodo dos algarvios para aquela zona, onde têm fomentado a indústria corticeira?

É certo que no Algarve se tem industrializado, nos últimos 3 anos, cerca de 3 vezes a nossa produção subericola, pois para uma produção média anual de 4.488 toneladas de cortiça, as 199 fábricas algarvias industrializaram 13.758 toneladas.

Porém, com as facilidades de transportes do carril, das boas estradas e dos portos, como Vila Real de Santo António, poderíamos industrializar mais, se em vez de apenas 20 % das nossas oficinas tiverem força motriz instalada, o tivessem 80 %, como sucede, por exemplo, no distrito de Setúbal, onde estão os centros corticeiros acima indicados, tão procurados pelos algarvios.

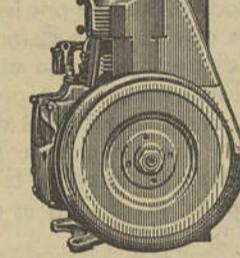
Não deve porém tardar a chegada da energia eléctrica das barragens, ao preço da que é fornecida aos outros centros industriais — e então se verá quantas oficinas de construção mecânica se montarão na província, para acudir á fabricação dos artefactos, que atingem mais de um milhão de centenas de contos por ano, como foi dito pelo sr. Sub-secretário de Estado do Comércio e Indústria em conferência proferida na Ordem dos Engenheiros em 1955 — quando se tratou dos problemas relacionados com a siderúrgica em Portugal.

Julgamos que, com a montagem de novas indústrias, o Sul do País poderá acompanhar o ritmo de vida do Norte, para onde os comboios já marcham a 80 Kilms. á hora, enquanto que no sentido contrário a velocidade média atinge apenas 40 Kilms.

A. S. P.

Motores Diesel «SENDLING»

de 2/5 H. P.



Arrefecidos por ar
A última palavra da Indústria Alemã especialmente indicados para grupos MOTO-BOMBA

Agente geral no Algarve
José de Sousa Pedro
Rua 5 d'Outubro, 29 a 33

LOULÉ

Excursão De 8 a 10 de Junho de 1957 FIM DE SEMANA EM SEVILHA

Visitando-se os seus principais monumentos

Em moderníssimo Auto-carro
Preço Esc. 120\$00 (só transporte)

ORGANIZAÇÃO DA

Agência Peninsular de Viagens e Turismo
Direcção de M. ARCANJO VIEGAS

Telef. 216 Rua Conselheiro Bivar, 58 FARO

Viva com
GAZCIDLA
GAZCIDLA onde quer que viva
O combustível ideal para o seu lar
Consulte o Agente em Loulé:
EDUARDO CORREIA
Telefone 82

Casamento

Rapaz de 26 anos, residindo actualmente no Canadá, pretende corresponder-se para fins matrimoniais com menina de 17 a 25 anos.

Pede foto. Assunto sério. Escrever para: J. R. Leal — 4393 Riverside-Kitimat, B. C. — Canadá.

EM QUARTEIRA

Arrenda-se a «Toca do Coelho».

Tratar com o proprietário — José Coelho Júnior — Quarteira.

Tomateiral

de sequeiro temporâneo, da Quinta de Vale Rabelho, arrenda-se por lotes

Dirigir propostas a José Martins Cardoso — Albufeira.

VENDE-SE EM QUARTEIRA

Um bocado de terra de sementeira que pode servir para qualquer outro ramo de negócio, na Rua Ataíde de Oliveira — LOULÉ (próximo do Mercado). Tratar neste local com Manuel Lourenço.

Na Casa do Algarve

(Continuação da 1.ª página)

te ouvindo-se numa magnífica Conferência o ilustre algarvio e distinto Prof. e filólogo sr. Dr. José Pedro Machado, que falou sobre «A TOPOONIMIA DO ALGARVE», começando por fazer algumas considerações sobre os estudos topográficos na actualidade e sua importância; referindo-se, seguidamente, a nomes locais do Algarve a cujo estudo procedeu. Distinguindo neles três tipos: arabizados, árabicos e portugueses, exemplificando alguns casos de cada um desses tipos. Concluiu o seu belo trabalho fazendo votos para que os estudos da história algarvia entrem em caminho de útil actividade, promovendo a publicação de um trabalho com toda a documentação sobre a história do Algarve; recebendo no final muitos aplausos e cumprimentos de felicitações.

Dado o pouco espaço de que dispomos não podemos, como seria nosso desejo, alongar-nos nas nossas considerações sobre o trabalho de tão prestigiosa figura de pedagogo e algarvio, prometendo fazê-lo em outra oportunidade.

O conferente foi apresentado pelo Presidente da Comissão Cultural sr. Dr. Garcia Domingues.

O magnífico Serão Cultural terminou pela recitação de alguns poemas de poetas algarvios, sobre o Algarve, pela distinta Poetisa — Declamadora sr.ª D. Maria Helena, nome sobejamente conhecido e muito apreciado no Mundo das Letras portuguesas, a qual, com delicioso encanto, se fez ouvir também, recitando poemas da sua autoria; tendo sido premiada com quente salva de palmas, recebendo da Direcção da colectividade algarvia, um grande e lindíssimo ramo de maravilhosos flores.

Finalmente, antes de encerrar a sessão, o sr. Conselheiro Sousa de Carvalho, em empolgante e magistral improviso referiu-se, separadamente, aos colaboradores de tão brilhantíssima festa a quem prestou os mais rasgados elogios, os agradecimentos da «CASA DO ALGARVE», que a assistência, onde predominava o elemento feminino, dispensou entusiástica saudação.

É-nos particularmente grato saber, que a nossa compatriota, pelo coração, sr.ª D. Elvira de Freitas, é possuidora de uma biografia muito grande como compositora, pois é autora de inúmeros trabalhos musicais que muito a têm distinguido.

Festa a todos títulos linda e brilhantíssima.

L. S. P.

Ecos de Albufeira

O Sítio da Sesmaria e outros servidos pelo mesmo «giro» passaram há pouco a beneficiar dumha distribuição diária, sendo, porém, as evidentes vantagens deste melhoramento estragadas pela hora tardia a que a correspondência chega aos destinatários.

Sendo estes na maior parte comerciantes de frutos, têm a máxima conveniência em receber a correspondência de manhã, de maneira a permitir-lhes tratar da sua vida e não á tarde, como sucede com o presente horário.

Este inconveniente, bastante prejudicial, remedia-se facilmente bastando para isso que o carteiro da área saísse da Estação de Albufeira de manhã, como o seu colega que faz o giro das Ferreiras, pelo que aqui deixamos a sugestão aos C. T. T., que certamente a tomarão na devida conta.

Os trabalhos para a conclusão do edifício da Colónia de Férias da F. N. A. T., já recomendaram em ritmo bastante apressado, prevendo-se que desta vez não haverá interrupções.

Enviados pela Arneses Film da Dinamarca, estiveram entre nós alguns dias os operadores cinematográficos srs. Arne Rossen e Georg Poulsen, que vieram ao nosso País realizar um documentário a cores, tendo nesta vila, fixado alguns aspectos da vida marítima e outros.

A. Leote

VENDE-SE

Mobília de casa de jantar, em estado novo. Nesta redacção se informa.

Trespasse - Se

ESTABELECIMENTO de mercearia que pode servir para qualquer outro ramo de negócio, na Rua Ataíde de Oliveira — LOULÉ (próximo do Mercado). Tratar neste local com Manuel Lourenço.

Notícias desportivas de Lourenço Marques

Do nosso prezado conterrâneo sr. Manuel Mendes Pinguinha, actualmente residente na cidade de Lourenço Marques, tivemos o prazer de receber algumas interessantes notícias sobre a actividade desportiva naquela ilha.

Assim, sobre CICLISMO, informa-nos o nosso amável correspondente que no Domingo, 12 de Maio, se disputou o Circuito Gravereiro Lopes, na Avenida do mesmo nome, assistindo alguns milhares de pessoas. O vencedor da prova foi o jovem alvi-rubro Júlio Capelo da Silva, que num «sprint» emocionante bateu por um comprimento Francisco Guedes, do Clube Ferrovário, seguindo de 16 corredores com o mesmo tempo. A média alcançada foi de 38.028 quilómetros por hora, totalizando o circuito 90 Km.

Sobre FUTEBOL: — Para o Torneio de preparação, sairam vencedores na 1.ª Divisão, o Sporting Club de Lourenço Marques, que bateu na final o Desportivo, campeão da cidade, por 1-0 e na 2.ª Divisão o Sport Lourenço Marques e Benfica, que venceu os Naturais por 4-0.

Sobre BASQUETEBOL: — Nos jogos internacionais efectuados no Estádio Malhangale, S. C. Lourenço Marques venceu por 65-60 os Campeões da África do Sul (Tecnical School) e o G. D. Lourenço Marques bateu por 70-57 os mesmos Campeões.

Também se efectuaram jogos entre equipas femininas, com os seguintes resultados: S. C. L. Marques 40—Campeões da África do Sul 49; Misto de L. Marques 47—Campeões da África do Sul,

Ecos de Almansil

O ano agrícola prevê-se bastante abundante, o que é motivo de grande satisfação, não só entre os proprietários como também entre as classes mais pobres para quem a fartura da terra se traduz sempre por um pouco mais de abundância na mesa.

Tem havido muita batata, cuja boa qualidade e reduzido preço (9\$00 por arroba), até lembra os velhos tempos... em que qualquer pobre podia comer a vontade bacalhau com batatas. Hoje... tem as batatas... por que o bacalhau fez-se «fino», é como quem diz: fez-se caro... caro demais para acompanhar as batatas.

As vagens também já chegam a 7\$00 a arroba, podendo por isso empareirar com as batatas na fartura.

Os cereais, conquanto ainda na sua maior parte na terra, têm aspecto prometedor. As árvores de fruto, idem.

As vinhas é que estão em parte estragadas pela ação do granizo que há tempos caiu aqui fortemente. Felizmente graças a Deus, isso aconteceu porém só numa pequena área. E como feliz compensação, nos sítios que escaparam ao granizo, há vinhas que de tão caíregadas que estão até mal podem com a carga.

... Tal e qual como alguns «seguitos» que de vez em quando por aqui aparecem, se «enchem» e vão daí tão cheios, tão cheios, que mal podem também com a carga»...

C.

CASA

VENDE-SE uma casa com chave na mão, com jardim à frente, 6 divisões, luz, quarto de banho e horta com água tirada a motor e ainda 4 compartimentos, separados, para arrecadação, junto à estrada de São Brás, próximo da Rotunda da Avenida.

Tratar com Agostinho Bernardo LOULÉ

Ecos de Boliqueime

Realizou-se nesta povoação, no passado domingo, dia 19, uma reunião de filados da Ação Católica que, de vários pontos da Província aqui vieram confraternizar e estudar problemas tendentes ao reavivamento da fé católica no seio da família agrícola.

Eram pouco mais das 10 horas, quando começaram, nas salas do edifício da escola, as sessões da Juventude Agrária Católica Masculina e da Juventude Agrária Feminina, presididas respectivamente pelo sr. Luís Maçarico e pela sr.ª D. Helena Trigo.

Depois das 18 horas, na varanda do referido edifício, usaram da palavras estes ilustres visitantes, bem como os srs. Dr. Jaime Rua e José da Silva.

No final foi celebrada missa campal pelo Rev. Padre Jaime dos Santos Reis, prior da Paderne e Interino de Boliqueime.

A «Voz de Loulé» — Loulé
N.º 120 — 2-6-57

Tribunal Judicial Comarca de Loulé

ANUNCIO 1.ª publicação

Pela 2.ª Secção de Processos da Secretaria Judicial desta comarca, correm editos de trinta dias a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando o réu Dorival de Sousa Roques, casada, doméstica, ausente em parte incerta, cuja última residência conhecida foi na Rua Gil Eanes, no povo e freguesia de Quarteira, desta comarca, para no prazo de dez dias, findo que seja o dos editos, contestar, querendo, o pedido feito pela autora, que consi te no divórcio litigioso entre ela autora e o citando, com fundamento nos n.ºs 4.º e 5.º do art.º 4.º do Decreto de 3 de Novembro de 1910, constante da petição inicial, cujo duplicado se

Futebol em Loulé

Domingo, 2 de Junho

A's 16 horas — Unidos - Almancil

A's 17,30 h. — Ponto Azul - Leões

Notícias Pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Junho:

Em 10, o sr. José Guerreiro Santos, residente em Alfentes-Boliqueime.

Em 12, os meninos Aurélio João Chumbinho Guerreiro, e srs. Alexandre Fento Freitas Carrilho, residente em Lisboa, e António Baptista Correia, o sr. José João dos Reis Mendonça, e o menino José António Estrela Leonardo.

Em 13, a sr. D. Leopoldina Barros Farrajota Cristina.

Em 14, a menina Maria Teresa Vitorino Pereira, residente em Lisboa, e o sr. Norberto Gonçalves Luís, residente em Moçambique.

Em 15, o sr. Augusto César Bolotinha, e a sr. D. Maria Amélia Ramos Elias.

Em 16, o menino Francisco Eduardo Pinto Lopes Garcia, de Faro, e o sr. José de Sousa Nunes, residente na Venezuela.

Em 18, a sr. D. Ana Maria da Silva Filho Sousa.

PARTIDAS E CHEGADAS

— Em viagem de negócios, segui para o estrangeiro o nosso prezado assinante sr. Normando José da Rocha Monteiro, há pouco chegado de África com sua esposa, a nossa conterrânea sr. D. Maria Eugénia Viegas Monteiro e sua filha, a menina Maria Manuela Viegas Monteiro, que entretanto estão residindo na nossa vila.

— Cumprimentámos na nossa redacção o sr. José Maria Barros Vasques, funcionário do Banco de Portugal em Portimão.

— Acompanhado de sua esposa, a nossa conterrânea sr. D. Amélia Semião Rodrigues, e de seus filhos encontra-se entre nós o sr. Abel Olímpio Rodrigues, que veio de Moçambique passar uma temporada à Metrópole.

— Com sua esposa, a nossa conterrânea sr. D. Silvina Borralha Guerreiro Vargas e seus filhos, fixou residência nesta vila o nosso prezado assinante sr. Francisco Vargas Freire, conciliado comerciante em S. Braz de Alportel, que vem estabelecer-se em Loulé.

GENTE NOVA

— Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr. D. Modesta Fernanda Gonçalves, esposa do nosso prezado amigo e distinto advogado nesta comarca, sr. Dr. Manuel Mendes Gonçalves.

Os nossos parabéns aos felizes pais e votos de um futuro riso-nho para o recém-nascido.

ALUGA-SE

Um armazém na Rua dos Arcos (próximo do Paralelo 38). Tratar com José Cabrita Cortes.

Agradecimento

A família de Brígida de Sousa Oliveira, na impossibilidade de o fazer directamente por falta de endereços e ilegitimidade de assinaturas, vem neste modo expressar o seu profundo reconhecimento a todas as pessoas que sentiram o seu luto ou se dignaram acompanhar a saudosa extinta à sua última morada.

Benvinda da Encarnação Gonçalves Oliveira

AGRADECIMENTO

José Gonçalves de Sousa Oliveira, Maria Eleonora Gonçalves Oliveira, Maria Cândida G. Oliveira de Jerónimo Guerreiro e José Jerónimo Guerreiro, receando que a ilegitimidade de assinaturas e a falta de endereços tenha dado lugar a lapsos involuntários que muito lamentariam, vêm por este meio agradecer muito reconhecidamente a todas as pessoas que por qualquer forma se dignaram manifestar a sua mágoa pelo falecimento de sua querida e saudosa mãe e sogra, Benvinda da Encarnação Gonçalves Oliveira.

CICLISMO NO ALGARVE ???

Esta modalidade de desporto era a mais apreciada pela gente do Algarve ligada às actividades desportivas. — Hoje... tudo acabou. — O Algarve vê-se afastar cada vez mais da Vida do Desporto. E por quê?...

Quanto a CICLISMO — Per-guntámos há dias a Bexiga Peres (pessoa largamente conhecida nas lides do ciclismo) das razões que originaram tal crise no Algarve e por ele, com bastante mágica, nos foi dito: — ... «O ciclismo está reduzido a Lisboa e Porto. — Pois só nessas grandes cidades existem Associações de Ciclismo, onde os atletas poderão disputar as provas que lhes dão acesso à categoria de INDEPENDENTES, e só nessa categoria poderão participar na prova de maior vulto da modalidade — VOLTA A PORTUGAL. — Os clubes distanciados daquelas cidades, tais como o LOULEANO DESPORTOS CLUBE e CI-NÁSIO CLUBE DE TAVIRA, que sempre praticaram, durante longos anos, essa modalidade, viram-se forçados a abandonar o ciclismo, por falta de recursos monetários».

Perguntámos ainda a Bexiga Peres se tal crise não poderia ser atenuada monetariamente, e por ele fomos informados do seguinte: — ... «Antigamente o ciclismo era livre a qualquer atleta que desejasse podia praticar tal modalidade, o que não sucede presentemente; — para se chegar à categoria de INDEPENDENTES, como anteriormente nos referimos, têm de ser disputadas provas de passagem de Juniores a Séniores e destes a Independentes, cujas provas são organizadas pelas respectivas Associações de Ciclismo, quanto a nós em Lisboa. — Ora, para se disputar essas provas, evidentemente teríamos que fazer deslocar a Lisboa, por diversas vezes, os corredores inscritos primeiramente em Juniores, depois os Séniores e mais tarde os INDEPENDENTES, e estes não basta que tivessem já corrido a VOLTA A PORTUGAL anteriores, precisam dar provas da sua já engajada categoria, e de tal situação já o Louletano foi vítima, ao pretender inscrever os seus atletas — INACIO RAMOS, BERNARDINO AMARO, MANUEL PALMEIRO, ANALIDE FILIPE — para disputarem no Ano de 1955 a XVIII Volta a Portugal, cuja admissão não foi aceite, por não serem conhecidos coisa curiosa, pois todos eles já tinham disputado, com brio, nos anos anteriores várias Voltas a Portugal, tendo acontecido até que, Inácio Ramos, no ano anterior havia ganho a Etapa de Lisboa, e, a pesar disso a Organização só admitiu o Louletano uma vez que pagasse as respectivas despesas não só do carro de apoio, como mecânico, massagista, delegado do Club e... mais ainda, a dos próprios atletas. — Assim, não se poderá praticar no Al-

garve a modalidade de ciclismo que tão brilhantemente esteve representada com ILDEFONSO RODRIGUES, CABRITA MEALHA e ultimately JOAQUIM APOLLO (este o único corredor Português que deu réplica a «Copis» e «Bartalis» no Estádio do Lima), a menos que seja «vádua no Algarve a já prometida (há anos) — Associação de Ciclismo».

FUTEBOL

É do conhecimento de todos que esta modalidade acarreta enormes despesas para os Clubes, os quais não sendo patrocinados por quem de direito, se vêem a braços com dificuldades financeiras e daí o não poderem prosseguir nas suas actividades de maneira a mostrarem aos Clubes de Lisboa, Porto e Coimbra, que são tão grandes como eles, mas por falta de recursos serão reduzidos à sua insignificância — não moral mas material. — Daí a razão do Sporting Club Olhanense e Luizitano de Vila Real de Santo António, que já estiveram na I Divisão, hoje encontrarem-se aquele, na II e este no grau mais baixo da modalidade.

Não haveria uma solução para o Desporto no Algarve?

Deixamos este problema para cuja solução chamamos a atenção das Entidades Oficiais ligadas ao Desporto.

J. G.

GELADOS? Só no Café Aviz

Instalações apropriadas, com todos os requintes de higiene; matérias primas da mais segurança procedência; um fabrico esmerado e consciente e uma enorme variedade de bem apaladadas espécies tornam esta Casa a preferida — em Loulé, pelos bons apreciadores e conhecedores de gelados...

O seu proprietário, Francisco de Sousa Lopes, também está apto a fornecer estes deliciosos gelados ao domicílio, em embalagens próprias, bem como para casamentos, festas, etc.

Vende também os inegáveis Gelados Rajá, de que é representante.

Por isso você não esqueça... que já toda a gente diz: — logo que um gelado lhe apeteça prefira os do Café Aviz...

Jorge de Abreu e Silva

Nas vésperas da sua partida de Loulé, despede-se com saudade de todos os seus Clientes e Amigos e em especial do bom povo deste Concelho.

As regas va-
lorizam as
suas terras...

Os motores VILLIERS

valorizam as suas regas...

Portanto adquira quanto antes um destes esplendidos motores no Agente em Loulé

Manuel Francisco Guerreiro

Largo Gago Coutinho, 11

e verá rapidamente aumentado o seu rendimento

A Voz de Loulé

PORTUGAL- Técnica - Brasil

(Continuação da 1.ª página)

dade dos laços de sangue e de cultura, mantém a homogeneidade das duas grandes famílias portuguesa e brasileira cada vez mais consolidada e mais firme.

Se Portugal se orgulha de, pelo seu gênio, ter dado ao mundo um país livre como o Brasil e este, pelas vozes mais eloquentes dos seus mais ilustres representantes, se ufana de ter sido parte integrante de Portugal e da sua ancestralidade lusitana, as duas Pátrias são, nestes tempos conturbados, o mais claro exemplo de estima e de amizade internacionais.

Acaba o Senado Federal de ratificar o acordo ortográfico luso-brasileiro, que é mais uma pedra a consolidar esta comunidade lusitana e por isso à viagem do Chefe do Estado não pode chamar-se uma viagem diplomática não há problemas a resolver, não há divergências a aplacar, não há dificuldades a justificá-la. E o que se pode dizer viagem de amizade por amizade.

Na sua mensagem de há dias, o Dr. Juscelino de Oliveira exprimiu o desejo de abraçar os portugueses um por um, pois cremos que cada um dos portugueses delega no Senhor General Craveiro Lopes o abraço fraternal e muito amado com que desejaria apertar ao peito cada um dos seus irmãos.

O abraço sem hipocrisia, sem reserva e sem cerimônia, que os dois Chefes de Estado trocarão no seu primeiro encontro, será bem o abraço que e quanto a este jogo e ao anterior uma feição imprevista quanto ao rendimento das equipas em preceção.

E' com estes sentimentos que deixamos ao Venerando Chefe do Estado Português uma feliz viagem e uma auspiciosa estadia em Terras de Santa Cruz.

Instrar e Educar

(Continuação da 1.ª página)

massa de incapazes aparecem revelações de inteligência que dentro de outro qualquer sistema ficariam ignorados. O sacrifício dos pais põe em foco tantas vezes o brilho dum e trela de primeira grandeza predestinada à obscuridade pela pobreza ou pela inacção. Mas como neste caso se trata apenas de exceções, estas não marcam diretrizes.

A directriz tem de ser encontrada no sistema que dê o maior rendimento possível na valorização do trabalho, seleccionando as classes a partir do ensino apropriado. Como o tal período de vadiagem forçada, a partir dos 11 anos, só serve para enferrujar a vontade, e quando o pouco que se aprendeu na escola, convém eliminá-lo fazendo-o substituir por uma actividade útil, e esta por mais voltas que se dê, só pode ser encontrada na escola primária. A escola primária deve continuar em via aberta para além da entrada para o liceu e para os ramos do ensino comercial e industrial, facto que não só descongestiona estes estabelecimentos de ensino, como ainda permite, aquelas que não podem frequentá-los, uma continuidade na aquisição de conhecimentos que, de

TORNEIO POPULAR



DE

FUTEBOL

Mais uma jornada do Torneio Popular de futebol de Loulé (a 7.ª) se desenrolou no passado domingo, dia 26, no Estádio Campina, perante algumas centenas de espectadores interessados e atento às proezas e deslizes dos seus favoritos...

Como já vai sendo hábito, os desafios proporcionaram algumas surpresas... Logo no primeiro jogo da tarde, por exemplo, viu-se o «Ponto Azul», grupo que tem dado um rendimento relativamente fraco, opôr uma resistência tenaz e bem organizada ao «Leader» da prova — «Campinense», que só a custa de porfiados esforços o venceu por 2-0.

Igualmente no 2.º jogo as surpresas surgiram. Basta dizer que, ainda não eram decorridos 30 segundos de ter começado já os «Leões» tinham anichado um golo nas redes do «Unidos», seu temíveis adversários... que por sua vez, mal tinham passado 60 segundos da bola ir ao centro — «Leões» — estabelecendo-se imediatamente um empate que durou até quase ao final da 1.ª parte. Nessa altura o «Unidos» meteu 2.º golo, fixando o resultado do desafio em 2-1.

Diga-se de passagem que se o empate se mantivesse talvez fosse mais adequado ao desenvolvimento do jogo das duas equipas... E diga-se também, em abono da verdade, que o vento, imprimindo a bola efeitos imprevistos — imprimiu também a este jogo e ao anterior uma feição imprevista quanto ao rendimento das equipas em preceção.

Para este desafio alinharam:

«Unidos» — Marcelino; Evangelista, António e Januário; Florentino e Ferreira; J. Manuel; J. Grilo, Albano, Julião e Bruno.

«Leões» — Manuel G.; J. Manuel; Pepe e Chabuna; Américo e Virgílio; J. Maria, Miguel, Mário, Pinto e Rocha.

«Atletico» — «Barreiras Brancas» foi o último desafio da tarde e ainda bem, porque assim pode dizer-se que esta jornada fechou com fecho de ouro...

A excelente exibição de ambas as equipas justifica estas palavras, confirmadas aliás pelas das espectadoras entusiasmadas ante um «Atletico» defendendo a todo o custo o golo que lhe deu a vitória e um «Barreiras Brancas» também a todo o custo pretendendo fugir dum zero cuja aceitação sómente o soar do apito lhe impôs.

... Por falar em apito. Justo é fazer-se referência ao trabalho do árbitro, o sr. Tavares do Olhanense, que, embora possua algumas imperfeições, aliás nenhuma a esta actividade), procurou no entanto usar de imparcialidade e impôr a disciplina e justiça necessárias ao bom desempenho da sua esplínica missão...

Espectador

Eng. Dr.

José António Madeira

A fim de colher elementos para um trabalho de carácter histórico - científico sobre a famosa «Rocha dos Ventos», há anos descoberta na fortaleza de Sagres e sobre cuja importância e significado divergem algumas opiniões, estive no Algarve, o nosso ilustre conterrâneo e prezado amigo sr. Engenheiro - Geógrafo Dr. José António Madeira.

MOTO

Em estado de nova. Preço acessível.

Vende-se, por motivo de retirada.

Tratar na Av. José da Costa Mealha, 155 — LOULÉ.

certo modo, os valorizará bastante. Por isso, é de aconselhar mais um ou dois anos de ensino primário, embora sem carácter obrigatório, elevando assim as classes a cinco ou seis, remodelados que sejam os actuais programas. Tudo é de esperar, dada a boa-vontade e alto critério com que o Senhor Ministro da Educação encara os problemas do ensino.

J. G. P.